

Chamada para comunicação

Colóquio internacional “Queerizar o cânone literário e artístico luso-brasileiro” Université Sorbonne Nouvelle, 21 de outubro de 2024 Sorbonne Université, 22 de outubro de 2024

Organizadores: Alberto da Silva (Sorbonne Université – CRIMIC), Fernando Curopos (Sorbonne Nouvelle – CREPAL), Maria Araújo da Silva (Sorbonne Université – CRIMIC)

Nos dias 20 e 21 de novembro de 2014, teve lugar na Sorbonne Université o primeiro colóquio realizado em França sobre temas *queer* na literatura e nas artes luso-brasileiras. Tendo sido bem recebido pela comunidade académica, o mesmo deu origem a outros eventos científicos propostos por várias instituições: Dalarna University, na Suécia; Birmingham University; Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Estes colóquios internacionais permitiram criar uma rede de pesquisadores interessados pelo tema, contribuindo para o aprofundamento dos estudos *queer* no âmbito das Artes e Letras do espaço lusófono. Muitos dos trabalhos apresentados foram publicados em volumes coletivos e revistas da especialidade, sendo que alguns e algumas d@s participantes continuam a publicar obras de referência sobre o tema.

Todavia, a eleição de Jair Bolsonaro e os seus ataques constantes contra os estudos de género e *queer* no mundo académico vieram fragilizar os estudos *queer* no Brasil, sem contar com a pandemia da Covid 19, que impediu a realização dos eventos planeados. Além disso, verdade seja dita, o interesse por parte do mundo académico português tem sido pouco relevante, salvo raras exceções.

Daí nos parecer importante retomarmos esses trabalhos, mais ainda por ter surgido, nestes dez últimos anos, uma profusão de monografias e estudos sobre o tema, especificamente dedicados ao espaço luso-brasileiro, além de terem sido criadas duas editoras especializadas sobre literatura LGBTQI: a Index¹, editora portuguesa com 10 anos de existência, e O Sexo da Palavra², editora brasileira. Põe-se assim à disposição d@s leitor@s e académicos o manancial até agora apagado pelos rumos da história, invisibilizado ou pouco estudado pela academia *mainstream*.

Neste colóquio, pretende-se não somente queerizar as obras, os autor@s e artistas canónicos, mas ainda resgatar @s esquecid@s e outr@s minoritári@s, sem “nenhum critério preconcebido, temática explícita ou biografia de autor, preferindo à celebração de uma diferença a insinuação de uma dúvida constante, a erosão insaciável, lúdica e política, das fronteiras convencionais entre homo e hetero³”. Com efeito, contrariamente à identidade *gay*, “a identidade *queer* não precisa de se basear numa verdade, qualquer que seja, ou numa realidade estável. Como o indica a própria palavra, *queer* não designa nenhuma espécie natural nem remete para nenhum objeto determinado; adquire o seu sentido na sua relação com a norma. *Queer* designa assim tudo o que não condiz com o normal, o dominante, o legítimo. [...] Portanto, o *queer* não delimita uma positividade, mas uma posição com relação ao normativo – posição que não é unicamente reservada aos *gays* e às *lésbicas*, mas acessível a qualquer pessoa que é ou se sente marginalizado por causa das suas práticas sexuais⁴”.

¹ <http://www.indexebooks.com/claacutessicos.html>

² <https://www.osexodapalavra.com/>

³ Cusset, François, *Queer critics*, Paris, PUF, 2002, p. 9-10.

⁴ Halperin, David, *Saint Foucault*, Paris, EPEL, 2000, p. 75-76.

As práticas *queer* são, portanto, o reflexo de uma resistência à homogeneização cultural, uma “resistência mais firme perante os regimes da normalidade⁵”, nomeadamente a heteronormatividade, já que “considerar ainda hoje a heterossexualidade como uma evidência comprova a força do pensamento *straight*⁶”.

Esforçar-nos-emos por observar, na senda de Monique Wittig⁷, Adrienne Rich⁸ ou Gayle Rubin⁹, como @s autor@s, realizador@s ou artistas portugueses e brasileiros conseguiram abalar as noções de identidade sexual, o binómio homem/mulher, assim como as oposições natureza/cultura, sexo/género, hetero/homo. Com efeito, a *doxa* admite que só existem dois sexos opostos, uma delimitação que surgiu, segundo Eve Sedgwick, na viragem do século XX, momento a partir do qual “foi atribuído a cada pessoa um género (masculino ou feminino) mas também uma sexualidade (homo ou hetero), uma identidade binária com consequências graves, por vezes confusas, inclusive nos níveis aparentemente menos sexuais da vida pessoal¹⁰”.

Ora, segundo a teoria *queer*, convém instaurar o “gender trouble”¹¹ já que o género se constrói “através de diversas tecnologias [...] (o cinema por exemplo) e os discursos institucionais (a teoria por exemplo) que têm o poder de controlar o campo das significações sociais, e logo de produzir, promover e ‘implementar’ representações do género¹²”. Por conseguinte, convém separar “a sexualidade do género” que não “é redutível à heterossexualidade hierárquica¹³”, mas também descortinar essas “tecnologias do género”, construção da qual se poderia dizer “que toda a arte e cultura da elite ocidental são o reflexo¹⁴”.

O “gender trouble” poderá até ser ultrapassado de forma a ver como as subculturas *queer* caminham no sentido de uma “desorientação sexual¹⁵”, uma “contra-sexualidade¹⁶” (segundo a expressão de Beatriz Preciado) que, além de desconstruir o sistema sexo/género, “faz explodir o pensamento binário genital (pénis/vagina)¹⁷”. O regime de normalidade passa também por uma educação restrita do gosto, além de limitar o que pode ser dito e exposto. Assim sendo, @s autor@s são convidad@s a refletir sobre outras dicotomias, a encarar as práticas *queer* como uma política sexual e cultural contra a normatividade: o “bom senso e bom gosto” burgueses.

Orientações de trabalho:

1. Manifestações do “gender trouble” nas Artes e Letras.
2. Leituras *queer* de produções artísticas e textos literários canónicos portugueses e brasileiros.

⁵ Warner, Michael, « Introduction » in *Fear of a queer planet*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1993, p. xxvi. Cité par Floyd, Kevin, *La Réification du désir : vers un marxisme queer*, Paris, Éditions Amsterdam, 2013, p. 16.

⁶ Katz, Jonathan Ned, *L’Invention de l’hétérosexualité*, Paris, EPEL, 2001, p. 152.

⁷ Wittig, Monique, *La Pensée Straight*, Paris, Balland, 2001.

⁸ Rich, Adrienne, *La Contrainte à l’hétérosexualité et autres essais*, Genève-Lausanne, Mamamélis-Nouvelles Questions Féministes, 2010.

⁹ Rubin, Gayle ; Butler, Judith, *Marché au sexe*, Paris, EPEL, 2001.

¹⁰ Sedgwick, Eve, *Épistémologie du placard*, Paris, Éditions Amsterdam, 2008, p. 24.

¹¹ Butler, Judith, *Trouble dans le genre*, Paris, La Découverte, 2005.

¹² Lauretis, Teresa de, *Théorie queer et cultures populaires*, Paris, La Dispute, 2007, p. 75.

¹³ Butler, Judith, *Défaire le genre*, Éditions Amsterdam, 2006, p. 71.

¹⁴ Lauretis, Teresa de, *op. cit.*, p. 41.

¹⁵ Bourcier, Marie-Hélène, *Queer zone 3*, Paris, Éditions Amsterdam, 2011, p. 331.

¹⁶ Preciado, Beatriz, *Manifeste contra-sexuel*, Paris, Balland, 2000.

¹⁷ Sáez, Javier, *Théorie queer et psychanalyse*, Paris, EPEL, 2005, p. 101.

3. Análise das “tecnologias do género” em produções artísticas e textos portugueses e brasileiros.
4. Novas identidades de género e desconstrução dos papéis de género.
5. Renovação do estilo: *kitsch*, *camp*, *queer*, melodrama, “arte bicha e *butch*”, excesso, subversão, *underground*.
6. Modos de vida ou olhares *borderline*.
7. O “lixo” da história literária e artística como corpus *queer*.
8. Os arquivos como meio de recuperação de histórias dissidentes.

Línguas de trabalho: Francês, Português.

Resumos de 1000 caracteres no máximo; 5 palavras-chave; indicação do eixo de trabalho; bibliografia de 10 linhas no máximo.

Data limite de entrega do resumo: 15 de maio de 2024.

Resposta: 30 de maio.

Os resumos serão enviados para os seguintes endereços: mariasilva01@hotmail.com; curoposfernando@yahoo.fr; a.dasilva8888@gmail.com

Appel à communication

Colloque international « Queeriser le canon littéraire et artistique luso-brésilien »
Université Sorbonne Nouvelle, 21 novembre 2024
Sorbonne Université, 22 novembre 2024

Organisateurs : Alberto da Silva (Sorbonne Université – CRIMIC), Fernando Curopos (Sorbonne Nouvelle – CREPAL), Maria Araújo da Silva (Sorbonne Université – CRIMIC)

Les 20 et 21 novembre 2014, nous organisons à Sorbonne Université le premier colloque en France sur des thèmes *queer* portant sur la littérature et les arts des pays de langue portugaise. Celui-ci a très bien été reçu et il a donné suite à d'autres rencontres scientifiques dans diverses universités : Dalarna University, Suède ; Birmingham University ; Faculté de Lettres de Porto. Ces colloques internationaux ont permis de créer un réseau de chercheurs et de chercheuses sur le thème et de donner de l'élan aux études *queer* pour ce qui est des arts et des lettres dans l'espace lusophone, notamment grâce à la publication des résultats de ces rencontres dans des revues et ouvrages, sans compter que les participant.e.s ont continué à publier des monographies importantes sur le thème.

Cependant, l'élection de Jair Bolsonaro et ses attaques constantes contre les études de genre et *queer* dans le monde académique ont quelque peu freiné les études *queer* au Brésil, tout comme la pandémie de la Covid 19 qui a empêché que se tiennent les diverses rencontres prévues pour donner suite au projet qui n'a pas, non plus, eu tout l'écho qu'il méritait au Portugal, faute d'intérêt pour ces thèmes dans le monde académique encore rétif à ces théories.

C'est pourquoi il nous a paru important de reprendre ces travaux, d'autant plus que durant ces dix années une profusion de monographies et d'études sur le thème ont été publiées, et que deux maisons d'éditions spécialisées sur la littérature LGBTQI ont été

créées : l'éditeur portugais Index¹⁸, et la maison d'édition brésilienne O Sexo da Palavra¹⁹. Dès lors, c'est toute une production jusqu'ici effacée par les affres de l'histoire des deux pays respectifs, invisibilisés et jamais étudiés par le monde académique mainstream que se trouve désormais à disposition des lecteurs et lectrices, mais aussi des chercheuses et chercheurs.

Il s'agira donc dans ce colloque de *queeriser* des œuvres ou auteur.e.s et artistes canoniques, tout en n'oubliant pas d'exhumer des « cendres de l'Enfer » des ouvrages effacés, de ressusciter les oublié.e.s et autres minoritaires, sans « aucun critère préétabli, thématique explicite ou biographie de l'auteur, préférant à la célébration d'une différence l'insinuation d'un doute constant, l'érosion insatiable, ludique et politique, des frontières convenues entre homo et hétéro²⁰ ». En effet, à la différence de l'identité *gay*, « l'identité *queer* n'a aucun besoin de se fonder sur une vérité quelconque ou sur une réalité stable. Comme l'indique le mot lui-même, *queer* ne désigne aucune espèce naturelle et ne se réfère à aucun objet déterminé ; il prend son sens dans sa relation à la norme. *Queer* désigne ainsi tout ce qui est en désaccord avec le normal, le dominant, le légitime. [...] Le *queer* ne délimite donc pas une positivité mais une position à l'égard du normatif – position qui n'est pas réservée aux *gays* et aux lesbiennes, mais accessible à toute personne qui est ou se sent marginalisée en raison de ses pratiques sexuelles²¹ ». Les pratiques *queer* ne sont donc que le reflet d'une résistance à l'homogénéisation culturelle, une « résistance plus ferme aux régimes de la normalité²² », notamment à l'hétéronormativité, puisque « considérer encore aujourd'hui l'hétérosexualité comme une évidence prouve bien la force de la pensée *straight*²³ ».

Nous nous efforcerons d'observer, à la suite de Monique Wittig²⁴, Adrienne Rich²⁵ ou Gayle Rubin²⁶, comment des auteur.e.s, réalisateurs, réalisatrices ou artistes portugais et brésiliens ont pu mettre à mal les notions d'identité sexuelle, le binôme homme/femme, mais aussi les oppositions entre nature/culture, sexe/genre, hétéro/homo. En effet, l'opinion commune admet l'idée qu'il y a seulement deux sexes opposés, une délimitation née, selon Eve Sedgwick, au tournant du XIX^e siècle, où « chaque personne devait désormais non seulement être assignée à un genre (homme ou femme), mais nécessairement assignée à une sexualité (homo ou hétéro) ; une identité binarisée et lourde de conséquences, parfois déroutantes, y compris aux niveaux apparemment les moins sexuels de l'existence personnelle²⁷ ».

Or, selon la théorie *queer*, il convient d'instaurer « le trouble dans le genre²⁸ » puisque celui-ci est construit « à travers des technologies de genre variées (le cinéma par exemple) et les discours institutionnels (la théorie par exemple) qui ont le pouvoir de contrôler le champ des significations sociales et donc de produire, promouvoir et “implanter” des représentations du genre²⁹ ». Par conséquent, il conviendra de séparer « la sexualité du genre » qui n'est donc pas « réductible à l'hétérosexualité hiérarchique³⁰ », mais aussi de mettre à nu ces

¹⁸ <http://www.indexebooks.com/claacutessicos.html>

¹⁹ <https://www.osexodapalavra.com/>

²⁰ Cusset, François, *Queer critics*, Paris, PUF, 2002, p. 9-10.

²¹ Halperin, David, *Saint Foucault*, Paris, EPEL, 2000, p. 75-76.

²² Warner, Michael, « Introduction » in *Fear of a queer planet*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1993, p. xxvi. Cité par Floyd, Kevin, *La Réification du désir : vers un marxisme queer*, Paris, Éditions Amsterdam, 2013, p. 16.

²³ Katz, Jonathan Ned, *L'Invention de l'hétérosexualité*, Paris, EPEL, 2001, p. 152.

²⁴ Wittig, Monique, *La Pensée Straight*, Paris, Balland, 2001.

²⁵ Rich, Adrienne, *La Contrainte à l'hétérosexualité et autres essais*, Genève-Lausanne, Mamamélis-Nouvelles Questions Féministes, 2010.

²⁶ Rubin, Gayle ; Butler, Judith, *Marché au sexe*, Paris, EPEL, 2001.

²⁷ Sedgwick, Eve, *Épistémologie du placard*, Paris, Éditions Amsterdam, 2008, p. 24.

²⁸ Butler, Judith, *Trouble dans le genre*, Paris, La Découverte, 2005.

²⁹ Lauretis, Teresa de, *Théorie queer et cultures populaires*, Paris, La Dispute, 2007, p. 75.

³⁰ Butler, Judith, *Défaire le genre*, Éditions Amsterdam, 2006, p. 71.

« technologies du genre », une construction dont on pourrait dire « que tout l’art et la culture d’élite occidentale sont l’empreinte³¹ ».

Ce « trouble dans le genre » pourra même être dépassé pour voir comment les subcultures *queer* vont dans le sens d’une « désorientation sexuelle³² », une « contra-sexualité³³ » pour reprendre l’expression de Beatriz Preciado qui, en plus de déconstruire le système sexe/genre « dynamite la pensée binaire génitale (pénis/vagin)³⁴ ». Le régime de normalité passe également par une discipline du goût, limitant ce qui peut être dit ou montré. Par conséquent, les auteur.e.s sont invité.e.s à réfléchir sur d’autres dichotomies, et à envisager les pratiques *queer* comme une politique sexuelle et culturelle qui s’érige contre la normativité : « le bon sens et le bon goût » bourgeois.

Les lignes de lecture pourront être, sans exclusivité :

1. Manifestations du « trouble dans le genre ».
2. Lectures *queer* de textes littéraires ou productions artistiques canoniques portugais et brésiliens.
3. Analyse des « technologies du genre » dans les textes et productions artistiques portugais et brésiliens.
4. Les nouvelles formes d’identité genrée et déconstruction des rôles.
5. Le renouveau du style : kitsch, *camp*, *queer*, mélo, art folle, excès, subversion, *underground*.
6. Modes de vie ou regards *borderline*.
7. La “poubelle” de la littérature et des arts comme corpus *queer*.
8. Les archives comme matériel pour récupérer les histoires dissidentes.

Langues de travail : Français, Portugais.

Résumés de 1000 caractères maximum ; 5 mots-clés ; indication de l’axe de travail ; bibliographie de 10 lignes maximum.

Date limite d’envoi du résumé : 15 mai 2024.

Réponse : le 30 mai.

Les résumés seront à envoyer aux adresses suivantes : mariasilva01@hotmail.com; curoposfernando@yahoo.fr; a.dasilva8888@gmail.com

³¹ Lauretis, Teresa de, *op. cit.*, p. 41.

³² Bourcier, Marie-Hélène, *Queer zone 3*, Paris, Éditions Amsterdam, 2011, p. 331.

³³ Preciado, Beatriz, *Manifeste contra-sexuel*, Paris, Balland, 2000.

³⁴ Sáez, Javier, *Théorie queer et psychanalyse*, Paris, EPEL, 2005, p. 101.